

AS CATEQUISTAS FRANCISCANAS a antecipação do aggiornamento em Santa Catarina

Maria de Lurdes Gascho ¹

Resumo: O presente texto, identificado como *Catequistas Franciscanas - a antecipação do Aggiornamento² em Santa Catarina*, trata da caminhada de uma congregação religiosa fundada em Santa Catarina, no ano de 1915, para atender às situações concretas do povo e responder a desafios locais. O modo de viver da fundação tomou formas originais e criativas, fora do modelo prescritivo para a chamada vida religiosa da época. No meio do povo eram conhecidas como “as mestras” e no modo de ser e de viver o cotidiano eram distintas das “freiras” que seguiam o modelo de vida prescrito e aprovado pela Igreja.

Palavras-chave: Vida Religiosa – Hierarquia – Povo – Catequistas.

Abstract: This article entitled “Franciscan Catechists – an anticipation of the Aggiornamento in the State of Santa Catarina” (*Catequistas Franciscanas – anticipation do Aggiornamento em Santa Catarina*) deals with the journey of a religion congregation which was founded in 1915 in Santa Catarina. The reason of this foundation was to be in attendance of the concrete problems of the people and to respond to local challenges. The way of life of the members of the congregation took original and creative forms, outside of the model prescribed for the religion’s life of the period. They were known amidst the people as “masters” and differed in their way of life from the nuns who followed the model of life prescribed and approved by the Catholic Church.

Keywords: Religious life – Hierarchy – People – Catechists

¹ Graduada em História pela Faculdade de Ciências e Letras de Joinville, SC, em 1974. Professora, religiosa, nascida em Jaraguá do Sul, SC. Vários cursos de formação para a vida religiosa, no país e no exterior. Igualmente viagens e serviços em favor da vida religiosa em países da América Latina, da Europa e da África. Mestranda em História na UFSC, sob orientação do Prof. Dr. Artur César Isaia.

² Aggiornamento - termo usado pelo Papa João XXIII ao convocar o Concílio Vaticano II. Ficou mundialmente conhecido e passou a ser utilizado na Igreja, para ilustrar o que o Concílio solicitou a nível de atualização e reformas na Igreja para assim responder às exigências do mundo moderno.

O presente trabalho tem como objetivo descrever a trajetória de uma congregação religiosa de vida apostólica feminina, surgida em Santa Catarina, no princípio deste século: a “Companhia das Catequistas” (primeiro nome que identificou o grupo). Hoje são conhecidas sob o nome de Irmãs Catequistas Franciscanas.

A dissertação abordará o tempo compreendido entre a data de fundação (1915), até a celebração do Concílio Vaticano II (1962-1965). Portanto, a pesquisa será contemporânea a uma específica autocompreensão de Igreja. E, nesse trabalho, ela será usada na acepção de Augustin Wernet, ou seja:

*“Diversas maneiras de auto-entendimento, diversas imagens que a Igreja, assembléia dos cristãos, teve de si mesma; autocompreensões, marcadas pelas grandes superestruturas de cada época, seja nas suas formas institucionais, seja em sua linguagem e em seus modos de pensar”*³.

A Igreja, na época, veiculava um discurso substancialmente centralizado sobre a autoridade e a hierarquia, tendo o Papa e os bispos como o eixo organizador de sua estrutura e de sua compreensão. Proclamava sua autonomia frente ao Estado e a si mesma como sociedade perfeita.

*“A Igreja é a sociedade composta de todos os cristãos unidos entre si pela profissão de uma única e idêntica fé, pela comunhão aos mesmos sacramentos e sob a jurisdição dos legítimos pastores, principalmente do Papa”*⁴

Nessa perspectiva de Igreja-sociedade perfeita, como diz Alcir Lenharo:

*“Ela se rege pela imagem de um corpo constituído sem divisão, relacionada consigo mesma em todas as suas partes, soldada por uma aliança de identificação com o poder que a rege”*⁵

³ WERNET, Augustin. *A Igreja paulista do século XIX*. São Paulo: Ática, 1987, p.12.

⁴ *Catecismo da Doutrina Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1982, 89ª edição, p. 29.

⁵ LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. S.Paulo: Papirus, 1986, p. 202.

A comunidade eclesial é perfeitamente identificável. O indivíduo começa a fazer parte dela pelo rito do batismo, e, através da doutrina, aprofunda a vivência de uma identidade maior, que ultrapassa a individualidade. Assim impõe-se, como quer Bourdieu, “*um nome, uma essência social*”. Impõe-se “*um direito de ser que é também um dever de ser*”⁶. A autoridade é exercida de maneira piramidal e a instituição deve dar demonstração de força e poder, de prestígio e eficácia o que é visualizado nas relações cotidianas e na própria liturgia, conforme notou Artur César Isaia:

*“As excelências da instituição eclesial capaz de emprestar às organizações humanas a simetria e a ordem que caracterizavam seu edifício doutrinário e que se refletiam no brilho e organização do seu culto, eram louvadas em oposição ao caráter sempre discutível das instituições humanas...”*⁷

As decisões eram centralizadas no poder do Papa que também reforçava a autoridade do bispo, nomeado pelo Vaticano para cada diocese. Assim, conforme Augustin Wernet:

*“no plano diocesano, a romanização significava uma centralização do poder religioso na figura do bispo e um reforço da autoridade episcopal sobre o clero regular, secular e associações leigas”*⁸.

Nesta compreensão de Igreja, descrevo o modelo prescritivo para as congregações femininas e as práticas da cotidianidade das freiras, com o enquadramento da vida religiosa no corpo social da igreja e as exigências requeridas para que como tal fosse considerada.

⁶ BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996, p. 100.

⁷ ISAIA, Artur César. Cristo Rei e a República: Catolicismo e identidade nacional no Brasil. *Teocomunicação*. 26 (112): 224.

⁸ Apud ISAIA, Artur César. *O Cajado da Ordem: Catolicismo e Projeto Político no Rio Grande do Sul- Dom João Becker e o Autoritarismo*. São Paulo: PUC, 1992, p.19. (tese de doutorado).

Ao tratarmos de vida religiosa, em geral corremos o risco de pensar apenas numa abstração e falamos dela quase como que de algo sagrado, de acesso dificultado por visões um tanto herméticas quando não mitificadas. A vida religiosa não é uma idéia ou um conceito. É uma realidade que se constrói e continuamente é construída no caminho eclesial. Ela é um sinal. Mas um sinal humano, formado por religiosos e religiosas e constitui-se de um conjunto de práticas vividas no contexto da Igreja, no presente caso, da Igreja Católica. Está sempre inserida no contexto da sociedade e nunca dissociada do chão da cotidianidade e realidades humanas. A vida religiosa são homens e mulheres e, como todos os homens e mulheres, limitados por espaço e tempo, orientados por cosmovisões e idéias, vivem convicções próprias que os levam a posições, decisões grupais e pessoais de acordo com o projeto comum de vida de cada instituto, congregação ou ordem, balizada pelo carisma⁹, pautada pela autocompreensão à qual se subordina. Representa

“organização hierarquizada, ritualizada, que submete a uma mesma disciplina todos aqueles que reúne, unindo-os na busca de um mesmo desígnio, permitindo-lhes reconhecerem-se em torno dos mesmos símbolos e em uma mesma linguagem”¹⁰

Segundo o discurso religioso da época, a vida consagrada constitui-se fundamentalmente de três elementos: experiência de Deus, vida comunitária e missão apostólica. O que mais claramente configurou a identidade desta forma de vida, sempre foi a profissão dos chamados votos de pobreza, obediência e castidade que apontam para três centros fundamentais da vida humana, para três valores arquetípos, as pulsações-chaves, os instintos do ter, do prazer e do poder.

Na autocompreensão de Igreja¹¹ do tempo da fundação da congregação em questão, os votos eram assumidos em cerimônias solenes, festivas, mas que não deixavam de expressar, por seu significado simbó-

⁹ Carisma - força que inspira e chave que explica a originalidade da experiência de cada família religiosa, sua espiritualidade, sua vida comunitária, sua missão, formação e organização.

¹⁰ GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo: Companhia das letras, 1987. Apud SOUZA, Rogério Luís de. “A Construção de uma Nova Ordem. Catolicismo e Ideal Nacional em SC (1930-1945). Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1996, p. 63.

¹¹ Conferir nota 3, p.3.

lico, que a pessoa abraçava uma vocação relacionada com morte. “Mortos para o mundo”. “Fuga mundi”. Detalhes das cerimônias como: corte de cabelo, mudança de nome, tudo lembrava que a jovem buscava uma vida de renúncias. Elas tinham um objetivo: lembrar que não se era mais do “mundo”. Reincidentemente persistia-se no discurso maniqueísta e dualista que contrapunha corpo e alma, carne e espírito, profano e sagrado. A vida consagrada seguia padrões de comportamento e normas do viver cotidiano num esquema rígido, disciplinar, altamente autoritário e controlador. As regras eram claras, as advertências exatas, as proibições inquestionáveis e os porquês diabólicos. O treinamento para viver este modelo era um dos objetivos básicos dos programas de formação. Através deles, era feita a programação ou reprogramação mental com a instalação de mecanismos de auto-regulagem e de controle para a preservação das tradições e alcance dos fins ou metas da instituição.

A aceitação de tudo isso era o exercício ascético diário para transformá-los em valores pessoais, para fazer a “*culturalização das aspirações da particularidade individual*”¹² porque:

*“As exigências e normas da ética formam a intimação que a integração específica determinada dirige ao indivíduo, a fim de que esse submeta sua particularidade ao genérico e converta essa intimação em motivação interior...”*¹³

A repetição de normas prescritivas e o esforço de cada membro para atingir a perfeição em tudo, fazia a coesão do grupo. A disciplina criava um ambiente de segurança coletiva; a metodologia do perdão solicitado, dado e recebido, recompunha os quadros criados por tensões e conflitos, tornava a vivência harmônica e formava a comunidade. Este era o modelo prescritivo. Esta era a ‘**forma**’ que dava forma à mulher que optava ser freira. Foi dessa maneira que a consagração religiosa criou um singular estilo de vida: horários, costumes vividos na clausura, modo de se apresentar e falar, jeito de andar, de vestir e de rezar. Um jeito que se apresentava solene, respeitoso e hierárquico.

¹² HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1992, p. 23.

¹³ Ibidem, p. 23

As Catequistas Franciscanas

O berço do novo instituto foi Rodeio, pequena povoação de colonização italiana, situada a uns quarenta quilômetros de Blumenau.

A crônica da “Companhia das Catequistas” onde Frei Polycarpo Schuhen,¹⁴ fez escrever os acontecimentos que envolviam a paróquia São Francisco de Assis, de Rodeio, traz o seguinte:

”Satisfazendo o justo pedido dos bons colonos italianos da paróquia de Rodeio que há muito tempo lamentavam a falta de boas escolas paroquiais, o Rev.mo. Pe.Polycarpo Schuhen, DD. Guardião dos Franciscanos, levado pelo zelo e amor à juventude e à salvação das almas, começou, no ano de 1915, uma instituição verdadeiramente apostólica, chamada ‘das catequistas’. Estas, são simples donzelas cristãs, de irrepreensível conduta e dotadas de um expressivo amor à juventude que somente pelo amor de Deus e sem interesse material, se dedicam à educação e instrução da mocidade, nas escolas paroquiais e, bem assim, quando necessário for, às obras de caridade, quer na cabeceira dos doentes, quer no serviço da casa de Deus, cuidando da limpeza das capelas e dos paramentos, etc. Todas são membros da Ordem Terceira do Grande Patriarca São Francisco de Assis, vivendo em castidade, pobreza e obediência, porém, não fazem votos, estando assim, na possibilidade de entregar-se inteiramente à sua nobre vocação e missão”¹⁵

“Simples donzelas cristãs”. Parece ficar claro nessa expressão da crônica, de que o frade não pensava em congregação religiosa nenhuma. As Catequistas não seriam freiras. Elas eram moças solteiras e virgens exemplares na comunidade (*de irrepreensível conduta*), mas que *“em nada se distinguiriam das moradoras do lugar”*, a não ser por um coração disposto a assumir uma missão em favor da educação

¹⁴ Frei Polycarpo Schuhen, pároco da paróquia de Rodeio, foi o fundador da congregação.

¹⁵ *Crônica da Congregação das Catequistas*. L.8, fls. 5v. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

nas escolas da paróquia. Isto é novo porque até então, nas comunidades do interior, as escolas eram atendidas somente por homens. Era difícil pensar que uma moça pudesse sair da casa paterna sem ser para o casamento ou então para entrar num convento. Menos ainda era concebível que deixasse a própria comunidade. Mas no caso em estudo, a missão tinha precedência sobre a ordem estabelecida. A vida devia ter prioridade sobre qualquer instituição. A criatividade que pedia a solução de um problema, não podia ser vencida por medos e barrada por uma pretensa lealdade institucional ou preconceitos.

A escola paroquial seria o espaço eclesial do seu apostolado. Lá estariam para atender ao *“justo pedido dos bons colonos italianos da paróquia de Rodeio”*. Portanto, as escolas paroquiais eram as escolas do povo e no presente caso, do povo que vivia na zona rural. Foi para prestar um serviço direto a este povo que Frei Polycarpo busca as *“simples donzelas cristãs”*. Elas, desde o início responderam com sua presença e com seu serviço, estabelecendo sua morada no meio do povo, como o povo e com o povo. Como os núcleos de colonização eram bastante espalhados, as escolas paroquiais se multiplicavam, mas geralmente tinham poucos alunos. Por isso mesmo, iam as professoras *“duas a duas, raramente três e extraordinariamente mais de três, se o número de alunos o exigisse”*¹⁶.

“As Catequistas se distribuem duas a duas nas casas filiais onde levam vida comum... A Associação poderá manter casas com mais de duas Catequistas, quando tal for julgado útil”.¹⁷

Este fato caracterizou, entre outros, a originalidade da Companhia e lhes deu um estilo próprio de viver.

Não fazem votos. É outro elemento novo, que, em princípio, deixaria as moças fora da possibilidade de serem religiosas. Como ser religiosa sem os votos de pobreza, obediência e castidade, que identifica-

¹⁶ “Constituições de 1935”, art. 44 e 46. Arquivo da Congregação. Joinville, SC.

¹⁷ Ibidem.

va a pessoa consagrada a Deus? Como não fazê-los se o modelo prescritivo o determinava? Mas fazer votos implicava na observação de regras previstas para tal estado de vida, como seja a participação diária da missa e eucaristia e da confissão semanal. Só livres dessa exigência poderiam se entregar inteiramente **à sua nobre vocação e missão**. Por isso, a Catequista não faz votos.

Outro ponto emblemático vivido pelas Catequistas era o fato de estarem elas espalhadas **duas a duas** nas comunidades do interior. Também por este fato, entenderam elas mesmas, desde o início, que não podiam ser religiosas. O povo também entendera. Tanto entendera que não as chamava de “irmã” mas de “mestra”. Estes dois componentes: ‘sem votos e duas a duas’ marcavam a grande diferença, podemos dizer a radical distinção entre a vida religiosa das freiras e das mestras Catequistas.

Nas comunidades, as Catequistas eram referencial para tudo: escola, igreja, saúde, família. A “Mestra” instruía, rezava, ensinava medicina caseira, visitava famílias, dava conselhos. No meio do povo viviam o objetivo da Companhia:

“a mais perfeita imitação da vida e do espírito do Santo Patriarca, em comunidades de duas Catequistas, fundando e provendo escolas rurais, isto é: em casa alimentam a pobreza e caridade franciscana; na igreja cuidam do decoro do lugar santo e do sacro ministério; na colônia trabalham com fidelidade e devoção seráfica; na escola educam, instruem pelo exemplo, humildade e saber suficiente”¹⁸.

Este cotidiano inserido no meio do povo simples poderá responder às propostas conciliares do “aggiornamento”? A história das Catequistas quer dar a resposta.

¹⁸Regulamento da Companhia das Catequistas”. Ano de 1926, p. 02. Arquivo da Congregação, Joinville, SC.